

OS 
AVENTUREIROS

NO RIO SUBTERRÂNEO

ISABEL RICARDO

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: TIAGO DA SILVA
ILUSTRAÇÕES DE INTERIORES: ISABEL ALVES

OS AVENTUREIROS ESTÃO DE VOLTA!

Vem conhecer OS AVENTUREIROS: Bia, *João*, Daniel, Cris e Tó Jú.

A coleção que transporta os leitores para aventuras excitantes em lugares fantásticos. E, para além de cativar os jovens para a leitura, ainda ajuda à divulgação do património português.

Com narrativas repletas de ação, humor e mistério, estimula a imaginação, e esse é um dos motivos porque os professores a recomendam, principalmente para os 5º, 6º e 7º anos. Cativando diferentes idades, OS AVENTUREIROS já apaixonaram milhares de leitores desde 1999, que se tornaram fãs incondicionais e transmitem essa paixão às novas gerações.

Junta-te aos AVENTUREIROS e mergulha nestas aventuras empolgantes.

Mas, cuidado: não vais conseguir parar de ler!

Para saberes mais sobre estes jovens destemidos, consulta a página da autora: www.isabelricardo.com e visita a página de Facebook:

www.facebook.com/SerieOsAventureiros

E-mail para leitores: aventureiros@isabelricardo.com

E-mail para professores: encontroscomaautora@isabelricardo.com





ÍNDICE

PREFÁCIO		9
CAPÍTULO I	<i>João</i> diverte-se...	13
CAPÍTULO II	Férias!	20
CAPÍTULO III	A Torre de Belém!	30
CAPÍTULO IV	As Portas do Sol!	39
CAPÍTULO V	O Castelo de Alcanede!	44
CAPÍTULO VI	O Castelo de Torres Novas!	49
CAPÍTULO VII	Uma atitude muito estranha!	56
CAPÍTULO VIII	A passagem secreta!	63
CAPÍTULO IX	<i>João</i> salva a situação.	72
CAPÍTULO X	Histórias emocionantes!	80
CAPÍTULO XI	O Mosteiro da Batalha!	89
CAPÍTULO XII	Uma descoberta intrigante...	100
CAPÍTULO XIII	Pedro e Inês.	109
CAPÍTULO XIV	Atitudes muito suspeitas...	117
CAPÍTULO XV	A Aventura começa...	126
CAPÍTULO XVI	Um achado espantoso!	133
CAPÍTULO XVII	Esconderijos quase perfeitos...	141
CAPÍTULO XVIII	Uma surpresa muito desagradável!	148
CAPÍTULO XIX	Apanhados!	156
CAPÍTULO XX	O rio subterrâneo...	167

CAPÍTULO XXI	No labirinto do Castelo de Alcobaça...	176
CAPÍTULO XXII	Uma fuga atribulada...	185
CAPÍTULO XXIII	O Túnel da Levada...	195
CAPÍTULO XXIV	OS AVENTUREIROS levam a melhor!	206
CAPÍTULO XXV	O esconderijo perfeito!	213
POEMA “OS AVENTUREIROS”		225
O CORVO		227
ANTÓNIMO E SINÓNIMO		229
SOLUÇÕES		230
ACRÓSTICO		231
ACRÓSTICO		232
SOPA DE LETRAS		233
SOLUÇÕES		234
POEMA		235
COLEÇÃO OS AVENTUREIROS		236



Queridos leitores, eis o segundo livro da série OS AVENTUREIROS. No primeiro, OS AVENTUREIROS NA GRUTA DO TESOURO, os nossos amigos veem-se envolvidos com dois perigosos homens que queriam descobrir, por todos os meios, um CD. Essa aventura decorre na Nazaré e descobrem grutas, túneis, esqueletos e sabe Deus que mais... Não têm sossego durante todo o livro.

Para os que não leram o primeiro volume da coleção, apresento-vos o Tó Jú e o Daniel, que são irmãos e vivem na bonita praia da Nazaré, e a Bia e o Cris, que vivem em Lisboa e são primos dos outros dois. Há um quinto aventureiro que consegue ser o mais brincalhão e barulhento de todos e que se chama *João*. Como irão descobrir, não se trata de um rapaz, e sim de um corvo muito falador e trapalhão. Tenho a certeza que irão adorá-lo.

Na sua maior parte, a ação deste novo volume passa-se em castelos e mosteiros e só vos digo que adorei conhecê-los a todos. O Castelo de Porto de Mós é lindo de morrer e dos outros nem vos falo. A passagem secreta do Castelo de Ourém existe mesmo e podem calcular a emoção que eu senti quando a percorri.

Lanço-vos aqui um desafio: descubram vocês mesmos todo o encanto dos nossos castelos.

Os Mosteiros de Santa Maria da Vitória e Santa Maria de Alcobaça também são maravilhosos. Neste último estive em locais onde o público não vai. Percorri todos os lugares por onde o Cris e o Daniel andaram, até sobre o telhado do mosteiro. Também estive na estranha divisão por cima do teto da igreja e no terraço perto dos anjos da fachada principal. Diverti-me a valer subindo e descendo escadarias em caracol, algumas ocultas do público. A *levada* e a *caleira de pedra* com os janelos existem mesmo, assim como aquela maravilhosa fonte. É claro que o resto deveu-se à minha imaginação.

Tal como o livro anterior, este também está recheado de aventura, emoção, suspense, humor, situações de perigo e muita, muita ação, bem ao gosto de todos vós.

Com um grande abraço da vossa amiga,

Um abraço muito especial aos alunos e professores do Colégio Frei Cristóvão, A-dos-Francos, Caldas da Rainha, Colégio Dinis de Melo, Amor, Leiria.

Ao pessoal dinâmico das BLX-Bibliotecas de Lisboa, Bibliotecas Municipais do Cadaval, Malveira, Ericeira, Samora Correia, Pataias, Constância, Viana do Castelo, Benavente, Seia, Santarém, Alcobaça, Leiria e Sobral de Monte Agraço.
À Biblioteca Municipal de Loures o meu agradecimento pela oportunidade de conhecer as escolas do concelho, proporcionando-me experiências inesquecíveis.

À E.B.2,3, Azeitão, E.B.2,3 de Marvila, Lisboa, Escola Básica Integrada de Bucelas, Loures, Escola Secundária de Benavente, E.B.2,3 Dr. Guilherme Correia Carvalho, Seia, E.B.2,3/S de Monte da Ola, Viana do Castelo.



CAPÍTULO I

João *diverte-se...*

«**O**lhem qu'êsta! Ora vejam só!»
Uma senhora de cerca de cinquenta anos, com o cabelo empastado em laca, olhou desconfiada à sua volta. Estava sentada num sofá muito direita, observando uma outra debruçada sobre uma mesinha, com um ar muito absorvido no que estava a fazer.

A mesma voz, desta vez num tom impertinente, fez-se ouvir, repetindo as mesmas palavras.

Ela estremeceu e voltou a olhar à sua volta, atarantada. Fazia-lhe impressão não saber de onde vinha aquela voz. Olhou para a senhora que, de joelhos no chão, passava um desenho num avental de cetim, mas esta parecia não ter dado por nada.

— Os seus filhos estão cá, D. Mila...? — perguntou ela, com um sorriso amarelo, dando uma vista de olhos rápida em seu redor.

Não deu por uma ave de penas negras e brilhantes, de bico comprido e forte, que a fitava com a cabeça de lado, empoleirada no varão do reposteiro.

Além do corvo, estavam só as duas. A divisão onde se encontravam era cozinha e sala, servindo para ver televisão e para a dona da casa trabalhar. Perto da janela estava a máquina de costura.

Mila levantou os olhos do desenho e sorriu.

— Estão no sótão a brincar com os primos. Estão frenéticos de todo. Tive de os enxotar daqui pr'a fora. Já não os podia aturar mais!

— Ah, sim...?

«Ah, sim? Palerma! Ora vejam!»

A mulher engoliu em seco e mordeu o lábio inferior, furiosa.

— Um deles já lá não deve estar, D. Mila!

— Ah, esse é o *João*. . . — informou Mila, com um risinho.

A outra levantou as sobranceiras, aborrecida. Olhou para a taça de vidro que tinha nas mãos e levou a colher à boca.

— O seu pudim está muito bom, D. Mila.

— Foi a Bia que o fez, com a ajuda da minha Natália.

Quando a mulher ia levar novo pedaço de pudim à boca, um espirro monumental fê-la dar um salto no sofá e deixar cair o pudim sobre o tecido. Apressou-se a pôr o pedaço de pudim dentro da taça, atrapalhada. Limpou o tecido do sofá com a mão, apressadamente, com receio de que a dona da casa tivesse visto.

«Porcaria! Ora vejam! Badalhoca! Palerma!»

A mulher ficou vermelha como um tomate e teve ganas de dar uns valentes açoites àquela *criança* impertinente.

Uma série de espirros quase a ensurdeceu e seguiu-se uma tosse seca e cavernosa, muito ao gosto do endiabrado corvo, pois sabia ter muito êxito entre toda a gente.

— Parece estar bastante constipado, pobrezinho. . .

— Isso não é nada. O *João* está sempre a espirrar e a tossir. Não lhe podemos ligar muito.

A outra abriu muito os olhos, horrorizada.

— E não o levam ao médico. . . ?

«Disparates! Disparates!»

— Que ideia, D. Helena! O *João* faz isto para chamar a atenção! Os outros devem tê-lo mandado embora.

— Ah! — exclamou ela, engolindo em seco. — Então os seus sobrinhos vão ficar cá muito tempo. . . ?

— Não. Partem amanhã numa excursão que lhes ofereço pelas férias de Natal, com os outros primos.

— Não sabia que tinha mais irmãos. . .



— E não tenho. Eu e o Miguel fomos criados com duas primas e é como se fôssemos todos irmãos. Sou madrinha do

meu sobrinho e do filho mais velho da minha prima Cristina. Os pequenos devem chegar daqui a algum tempo e partem amanhã para a Torre de Belém, pois é de lá que sai a excursão.

— Então vai ter a casa cheia... E tem onde pôr toda a gente?

— Graças a Deus. A Bia dorme com a minha filha e o Cristóvão com o meu Paulo. Quanto aos outros dois, dormem no sótão. Tenho lá duas camas de solteiro e dormirão muito bem.

— Ah! Então e o *João*?

— Ah, esse não me preocupa! Dorme em qualquer lado! Em cima da mesa, encolhido a um canto, ou empoleirado numa torneira da banheira... Felizmente não é esquisito! — respondeu Mila, esticando o papel vegetal sobre o tecido.

D. Helena desta vez emudeceu e não conseguiu dizer uma palavra. Abria a boca como um peixe fora d'água e não lhe saía som nenhum.

«Esta, agora! Palermo! Ora vejam!»

— Que horror, D. Mila! Pobre criança! Não admira ser tão malcriada...

«Disparates!»

Mila levantou os olhos do trabalho e por instantes ficou estupefacta. Depois deu uma gargalhada, imitada pelo corvo.

— D. Helena, o *João* não é uma criança; é o corvo da minha sobrinha. Está a vê-lo? Ali, em cima do varão do reposteiro?

— Oh!!

«Oh! Oh! Ora vejam! Oh! Oo-láá! Oh!»

D. Helena não escondeu o seu espanto e admiração.

— Nunca imaginei que um corvo conseguisse falar desta maneira... Isto só visto!

«Isto só visto! OH!! Ora vejam!»

A senhora deu uma risadinha.

— *João! João!* Onde te meteste?!

Ouviram-se vários pares de pés a descerem as escadas a correr, cada qual mais barulhento do que o outro.

Uma rapariga de doze anos, cabelo ondulado curto, olhos verdes muito bonitos, com sardas no nariz arrebitado, apareceu esbaforida.

— Tia, viste o *João*? Enxotámo-lo há bocado, pois já não o podíamos ouvir mais a espirrar e a tossir. Vamos buscar o Tó Jú e o Daniel ao expresso.

Um garoto de dez anos, cabelo alourado e olhos castanhos, apareceu atrás dela.

— Mãe, também posso ir? Sim?

— Sabes bem que não, Paulo. Não te disse já que tens de tomar banho primeiro...?

Ele deu estalos com a língua, aborrecido. Uma garota de nove anos deu-lhe uma cotovelada.

— Eu não te disse? És teimoso como uma mula!

— E tu como um burro... *Tala!*

A garota cerrou os punhos, furiosa, e por momentos pareceu mesmo que se ia atirar ao irmão.

— Eu não me chamo *Tala!* Parvalhão!

«Parvalhão! Parvalhão! Palerma! Ora vejam!»

Os primos desataram a rir às gargalhadas.

— Paulo e Natália! Parem lá com isso, vocês os dois! Ora vejam só o que arranjaram! Agora o *João* não se vai calar um tempão... — observou Mila, abanando a cabeça. Tinha trinta e poucos anos, cabelos e olhos castanhos. Devia ser a pessoa mais paciente que existia à face da Terra. Todas as crianças a adoravam e estavam sempre a aparecer lá em casa. Com os adultos sucedia o mesmo. Raramente estava sozinha. As primas da Nazaré costumavam dizer que a casa dela devia ter mel. Mas não seria da casa, pois já mudara várias vezes e a situação sempre se repetia; por isso ela é que devia ter mel.

— A *Tala* é que começou! Não tem nada que me chamar mula!

Natália deu-lhe um pontapé nas canelas.

— *Paulocas!*

— Pronto! Agora é que não vai mesmo nenhum com os vossos primos! — decidiu Mila, aborrecida, não se compadecendo do olhar desanimado dos filhos. — Bia e Cris, vão-se lá embora e ATRAVESSEM SEMPRE NAS PASSADEIRAS!

Eles já iam a descer as escadas a correr, com *João* firmemente agarrado ao ombro de Bia. Sinceramente! Não gostava nada da mania dos garotos de andarem sempre a correr... Ainda mais a descer escadas aos pulos daquela maneira... Tinha de se agarrar com *unhas e dentes* à camisola da dona.

— Bia, já estamos atrasados! Temos de correr todo o caminho!

Quase voaram para a paragem do autocarro e este já estava a chegar. Por pouco não o apanhavam. Pagaram os bilhetes e agarraram-se o melhor que puderam, pois o motorista arrancou logo.

— Safa! Foi por um triz!

«Safa! Foi por um triz! Ora vejam! Oo-lá! Safa!»

Durante todo o trajeto, *João* não se calou um minuto sequer, divertindo aquela gente toda. Até o motorista dava risadas.

Ao fim de uns minutos, chegaram ao seu destino. Saltaram para a rua, assustando um cão preto que passava naquele momento e que também saltou para o lado, aterrado.

O corvo presenteou-o com uma rosnadela monumental que fez o pobre animal encolher o rabo e desatar a correr, ganhando, atropelando quem encontrava pelo caminho.

Bia e Cris riram-se.

— Se calhar o expresso já chegou... Já passam cinco minutos do horário! — observou Cris, aborrecido, pois não

gostava de chegar atrasado a lado algum e muito menos fazer alguém esperar por ele. Desataram a correr, porque a paragem do autocarro ainda ficava longe da estação de camionagem. *João* desistira de continuar no ombro da dona e voava ao lado deles, ladrando e miando, para pasmo das pessoas com quem se cruzavam. De vez em quando lá soltava uma gargalhada ou então um espirro.

Chegaram à estação de Sete Rios quase com os bofes à boca, mesmo na precisa altura em que dois expressos entravam.

— Lá estão eles! — gritou *Bia*, excitada ao ver as cabeças dos primos. Acenou-lhes freneticamente, quase arrancando um olho a uma mulher carregada com dois malotes. — TÓ JÚ! DANIEL!



CAPÍTULO II

Férias!

Um homem que estava perto saltou assustado com os gritos dela. Teve de se sentar numa cadeira para se refazer do susto. Sinceramente! Quase ficara surdo!

«TÓ JÚ! DANIEL! OO-LÁÁ! OO-LÁÁ! Ora vejam!»

O homem ficou a olhar para o pássaro de boca aberta. Nem podia acreditar no que os seus olhos viam ou no que os seus ouvidos escutavam. Então não era que o corvo falara?!

Tó Jú e Daniel saltaram para o chão, sorrindo. Abraçaram-se, satisfeitos, falando aos gritos todos ao mesmo tempo.

— Olá, *João!* — saudou Daniel, fazendo-lhe uma festa na cabeça. Ele voou-lhe para o ombro, falando os disparates do costume, todo deleitado com as festas. Gostava daquele garoto traquina.

«Oo-lá! Maroto! OO-LÁ!», fez *João*, levantando a cabeça com o “Oo” e baixando a cabeça com o “Lá”, num cumprimento que deixava toda a gente encantada

Daniel sentia uma certa inveja de Bia por ter aquele corvo *bué de fixe*, como costumava dizer a toda a hora. Bem tentava convencer a mãe a deixá-lo ter um corvo, mas ela não lhe dava confiança.

— Cresceste muito, Daniel! Já estás da altura da Bia! — observou Cris, com um sorriso. Era um rapaz de catorze anos, calmo e pouco falador, de cabelos louros-claros e olhos azuis. Tinham-se tornado muito amigos no verão anterior, na Nazaré, onde haviam passado ambos por situações bem complicadas.

Daniel sorriu, satisfeito, e deitou um olhar de esguelha à prima, reparando que ela o observava também. Quando

se haviam conhecido nas férias do verão, além de ser o mais novo — tinha onze anos —, era também o mais baixo, mas, agora que já alcançara a prima, sentia-se um pouco melhor. Crescera bastante no tempo em que tinham estado separados, embora continuasse a detestar ser o mais novo.

— Voltaram à gruta do tesouro? — perguntou Bia, curiosa. — Estou mortinha por lá entrar de novo e percorrer todas aquelas grutas e os subterrâneos...

Os quatro tinham vivido aventuras emocionantes na Nazaré, tendo descoberto grutas e túneis que ninguém sabia existir e os esqueletos de um padre, um pastor e um cão, desaparecidos numa grutinha há muitos anos. Isto além de descobrirem um tesouro de lingotes de ouro, deixado pelos alemães no fim da Segunda Guerra Mundial quando tinham ido entregar um submarino às autoridades nazarenas. Para completar, conseguiram que prendessem dois perigosos patifes que tinham tentado afogá-los dentro de uma das grutas.

— Infelizmente, não. O mar voltou a subir e tapou a abertura da caverna por onde entrámos. Já lá não se pode entrar e o mês passado, perto do *Forno d'Orca*, caíram muitas pedras, por causa do mar 'tar muito bravo! Haviam de ver a altura das ondas! Chegavam a ir bater no farol! — informou Tó Jú, sorrindo. Era um rapaz alto, de catorze anos, cabelos e olhos castanhos, simpático e bem-disposto, de quem toda a gente logo gostava.

— Que pena! Bem, pode ser que no próximo verão o mar baixe novamente e lá consigamos entrar! — lembrou Bia, esperançosa. Era o oposto do irmão, muito brincalhona e faladora. Por isso simpatizava mais com o primo mais velho.

— Nunca mais teremos a sorte do verão passado! Vivemos uma aventura daquelas! Só se lê nos livros! Era tão fixe se acontecesse alguma coisa parecida nestas férias do Natal! Ia fazer com que os meus colegas se roessem de inveja, ó lá se ia! — observou Daniel, com ar sonhador. Era mais moreno

do que o irmão, também com os olhos e os cabelos castanhos-escuros.

Os outros riram-se, concordando.

— Temos de nos dar por satisfeitos por termos tido essa aventura para recordarmos! — comentou Cris, com um sorriso. Não apreciara tanto os acontecimentos das férias anteriores como os outros. Preferia umas férias mais calmas, sem ter de se preocupar como sair de uma gruta inundada pela maré, ou escapar de uns bandidos.

Tó Jú abraçou um primo de cada lado, bem-disposto.

— Havemos de nos divertir, mesmo sem aventuras perigosas. A excursão que a madrinha nos ofereceu como presente adiantado do Natal vai ser porreira, vão ver!

— O Paulo e a Natália não vieram convosco? — perguntou Daniel, olhando admirado à sua volta.

Cris abanou a cabeça.

— Portaram-se mal e a madrinha não os deixou vir!

Daniel abriu muito os olhos, espantado.

— *Madrinha?! Que madrinha?*

— A tia Mila, claro! — respondeu Bia, com ar trocista.

«Mila! Mila! MILA! Oo-lá! PARVALHÃO!»

Um rapaz de quinze anos, de rosto avermelhado e muito sardento, passava no momento e olhou indignado para ela, pois parecera-lhe voz de rapariga.

— Malcriada!

Os quatro riram-se à socapa, divertidos.

João desatou a rir às gargalhadas, o que ainda mais irritou o rapaz, que se virou de sobrancelhas franzidas.

— Ora vejam só! Os malcriações! Vejam lá se querem levar uma traulitada no nariz! Mal-educados!

«Mal-educados! Malcriações! Parvalhão! Palerma! Ora vejam só!», fez o corvo, acabando com um ataque de tosse horroroso.

Desta vez o rapaz percebeu que não tinham sido os garotos a falar, pois estava virado para eles e vira que nenhum deles mexera os lábios. Fitou o pássaro, cheio de admiração.

— Esta agora! Um pássaro que fala! Quem diria!

«Quem diria! Esta agora! OO-LÁÁ!»

O rapaz escancarou a boca, abismado por ouvir a sua voz.

— Garotos, vocês têm aí um pássaro que vale uma fortuna! Não mo querem vender? Os meus amigos iam cair para o lado quando lhes aparecesse com um pássaro que fala!

— Obrigada, mas não vendo o meu *João* por dinheiro nenhum!

— Tens a certeza, pequena?

— Tem! — respondeu Tó Jú, com firmeza.

O outro fez um ar muito desapontado.

— Que pena! Ora, paciência...

«Que pena! Ora, paciência... *Palerma!*», fez *João*, acabando com um espirro monumental que até fez estremecer o chão.

— Isso mesmo, *João!* Que grande *palerma!* Pensar que a *Bia* te vendia... — observou Tó Jú, soltando uma gargalhada que o corvo imediatamente tratou de imitar na maior perfeição.

Daniel olhou para os primos, meio desconfiado.

— Mas afinal o que é que o *Cris* quis dizer quando chamou *madrinha* à *Mila*?

— É isso mesmo, tonto. A *Mila* é *madrinha* do Tó Jú e do *Cris* — informou *Bia*, com um riso trocista, irritando o primo mais novo.

— Só faltava esta agora! Além de ter a mesma *madrinha* da *Bia*, o *Cris* também tem a mesma *madrinha* do Tó Jú! Vocês os dois são mesmo ladrões de *madrinhas!* — observou Daniel, dando estalos com a língua, aborrecido.

Bia franziu o sobrolho.

— Eu não te roubei madrinha nenhuma! Nasci primeiro que tu!

«Disparates, meu palerma! Disparates!»

Desataram a rir às gargalhadas, divertidos. Daniel fitou o corvo com admiração.

— Às vezes, parece mesmo que entende o que nós dizemos...

Bia esqueceu logo a irritação que sentia e concordou com o primo, não se lembrando mais da discussão.

Saíram da estação, conversando pelos cotovelos, com o *João* metendo a colherada sempre que podia, fazendo-os rir.

— Vamos de metro até ao Rossio e de lá apanhamos um elétrico para Belém — informou Cris, olhando com atenção para ambos os lados da rua.

— Fixe! Nunca andámos antes de metropolitano!

— Sabem o que vos digo? Estou esganado! Estava capaz de comer um boi inteiro! — confessou Tó Jú, esfregando a barriga com um ar verdadeiramente esfomeado.

O irmão fitou-o, escandalizado.

— Fartaste-te de dar ao serrote durante toda a viagem! Deves ‘tar roto!

— Sou um rapaz de muito alimento, ora essa! Estou em fase de crescimento!

— Ainda vais crescer mais?! Qualquer dia bates com a cabeça no teto! — observou Cris, com um sorriso.

Os outros riram-se.

Realmente Tó Jú era bastante alto para a idade e parecia estar continuamente com fome, embora ninguém percebesse onde é que ele metia a comida, pois não era gordo.

«Disparates!»

João acertara como de costume.

Chegaram à entrada do metropolitano e desceram as escadas a correr. Tiveram de esperar algum tempo por Daniel,

pois este parecia apostado em passar o dia todo a subir e a descer as escadas rolantes, entusiasmado, fazendo-os rir.

Rapidamente chegaram ao fim do percurso e saíram.

— Ena! É *bué de fixe* andar de metro! Que tal se andássemos para trás e voltássemos novamente? — lembrou Daniel, com os olhos a brilhar.

Os outros três riram-se, imitados por *João*.

— Hoje não, pois temos de apanhar o elétrico. A madrinha espera-nos. Ficaré p'ra outra ocasião.

Tiveram de correr para não chegarem atrasados. Algum tempo depois chegavam a Belém. Saltaram para a rua.

— Tó Jú, vou levar-te a um sítio que tenho a certeza irás adorar! À casa onde fazem os pastelinhos de Belém!

— Boa! Sempre tive vontade de os provar! 'Bora!

Pouco depois já estavam sentados a uma mesinha, comendo cada um o seu pastel de Belém, com o corvo bicando, deliciado, o da dona. Era muito guloso!

Relembrou, entusiasmados, a fantástica aventura que tinham vivido nas férias anteriores. Pouco depois já estavam em casa da Mila.

— Preparei-vos um belo lanche, pois calculei que viessem esfomeados — disse Mila, bem-disposta. — Fiz um bolo de iogurte que deve estar uma delícia!

Daniel abriu a boca para dizer que já tinham lanchado, mas recebeu uma cotovelada da prima, deixando-o indignado.

— Estamos todos esfomeados!

A mesa da cozinha estava bem recheada. Sandes de queijo, de fiambre, de chourição... Um grande bolo de aspeto apetitoso encontrava-se no centro da mesa e também uma tarte de amêndoa que de imediato fez crescer água na boca ao mais velho dos jovens. Havia chocolate quente e sumos para acompanhar.

Começaram a comer, arrependendo-se de terem sido tão

gulosos com os pastéis de Belém. Bia, Cris e Daniel fizeram esforço para comer, tentando que a tia não percebesse que eles já haviam lanchado. Quanto a Tó Jú, comia com apetite.

Os três fitavam-no, escandalizados por ver que ele parecia que não comia há uns pares de horas, quando minutos antes comera quatro pastéis de Belém e bebera um sumo. Ele sorria-lhes, trocista.

— O Paulo, madrinha? — perguntou Tó Jú, dando uma dentada numa fatia de tarte.

— Está a tomar banho.

— Ainda?! — espantou-se Cris.

A primita acenou com a cabeça, pois tinha a boca cheia.

— O malandro só começou a tomar banho poucos minutos antes de vocês chegarem. Tinha-se esquecido e estava na brincadeira. Também já deve estar esfomeado! É bem feito para não se distrair. E então? A vossa viagem correu bem?

Bia olhou à sua volta em busca do corvo, não o vendo em parte alguma, o que era estranho já que ele era um comilão de primeira.

Mas o nosso amigo *João* estava a divertir-se às custas do outro garoto que, no piso superior, tomava banho.

Voara até lá, dando com a porta do quarto de banho fechada. Pelo barulho que de lá vinha, percebeu que era aí que o petiz se encontrava. Gostava dele, pois sempre o presenteara com guloseimas.

«Paulo! Paulo! Vem cá!», fez ele, imitando a voz da mãe.

Fez-se silêncio do outro lado da porta.

«Paulo! PAULO!»

— Não posso ir agora, mãe! Estou a tomar banho! — gritou o pequeno, ensaboando o cabelo tão furiosamente que era quase um milagre não estar já careca.

«Paulo! PAAAUULO! VEM CÁ JÁ!»

Ouviu-se resmungar do outro lado e barulho de água. O pequeno saía da banheira e enrolava-se a uma toalha.

— Ora bolas! Bolas! BOLAS!

João voou lá para baixo, poisou no chão e pôs-se a andar, bamboleando-se comicamente, como se estivesse cansado de voar.

— Bem aparecido sejas, meu maroto! Onde é que tens estado? Nem parece teu faltares a uma refeição! — observou Bia, divertida.

Todos olharam para ele. *João* começou a subir pelas pernas acima da dona e foi aninhar-se junto ao seu pescoço, murmurando qualquer coisa que ninguém entendeu.

Naquele momento um Paulo meio enrolado a uma grande toalha turca apareceu à entrada da porta. Vinha com a cara e o cabelo cheio de espuma e ficou parado a pingar o chão, olhando para a mãe.

Os outros desataram a rir por vê-lo naquela figura cómica.

— O que é, mãe?

Esta olhou para ele, espantada.

— O que é o quê, Paulo? O que fazes aqui todo molhado? Queres constipar-te?

O garoto franziu o sobrolho, aborrecido, enquanto afastava uma madeixa de cabelo ensaboado dum olho.

— Ora essa, mãe! Tu é que me chamaste! Eu estava muito bem a tomar banho!

A mãe olhou-o de boca aberta.

— Eu não te chamei.

— Então quem foi?

«Ora bolas! BOLAS! Maroto!», fez *João*, com a cabeça baixa, como se estivesse muito envergonhado da partida que pregara.

Paulo olhou para o corvo de boca aberta e de repente desatou a rir às gargalhadas, fazendo coro com os outros. Até a mãe se riu, divertida.

— Seu patife! Obrigaste-me a sair do meu banho quentinho! Quando te apanhar desprevenido, hás de ver o banho que te dou!

Daniel fitava o corvo cheio de admiração. Sempre se espantava com a esperteza dele.

— Meu pirata! Por isso estavas tão murcho... — observou Bia, dando-lhe um piparote no bico.

— A vossa mãe continua tão distraída como era costume? — inquiriu Cris, olhando divertido para os primos.

Cristina, a mãe de Tó Jú e Daniel, era a pessoa mais distraída que se possa imaginar e fazia as coisas mais loucas do mundo, provocando o riso da família toda.

Os irmãos entreolharam-se, com um sorriso.

— Bem, a última da mãe é muito engraçada. Foi despejar o lixo ao contentor, como é hábito, e com o lixo foi o balde... — informou Tó Jú, com um sorriso. — Isto aconteceu durante alguns dias e ela sempre voltava a comprar novo balde. Ora, um dia saiu para despejar o lixo e encontrou uma amiga chamada Tilinha, que ia também fazer o mesmo...

— Pelo caminho encontraram uma vizinha que meteu conversa com elas. A minha mãe depois pegou num balde e atirou-o para dentro do contentor. Veio distraída como é costume e a Tilinha perguntou-lhe pelo balde. Imaginam a cara que a mãe fez! Mas o pior não foi isso... É que ela tinha pegado no balde errado, o da Tilinha! Partiram-se todas a rir! — informou Daniel, divertido.

— Foi a gota d'água! A partir daí a mãe desistiu de ter baldes para o lixo!

— E isso não é tudo! — continuou Daniel, interrompendo as gargalhadas gerais. — Começou a pôr o lixo só em sacos. Um dia, estava já p'ra sair, lembrou-se de ir lavar as mãos. Entrou no quarto de banho e com receio de que o saco estivesse sujo por baixo, poisou-o dentro da banheira. Saiu, e

só quando chegou junto do contentor é que reparou que não levava o saco do lixo. Tinha-o deixado na banheira...

Toda a gente desatou a rir às gargalhadas, imaginando a cena.

Passaram o serão a conversar pelos cotovelos e só muito tarde conseguiram adormecer, excitados.

Se eles imaginassem a aventura que estava para vir!

